



**Marketing educacional:
a participação
do corpo docente
é fundamental**

**Conheça as novidades
do material didático
Expoente
para 2004**

**Negros divergem
sobre a política
de cotas nas
universidades**

**Pesquisa revela
que a poesia
está esquecida
nas escolas**



Formação do professor em xeque

Atualização profissional, senso crítico
e ética fazem a diferença no mercado de trabalho



Já estamos no número 34 da revista *Impressão Pedagógica*. São 12 anos de trabalho, de contribuição à causa pedagógica e de muita informação às escolas conveniadas, aos professores e à comunidade escolar.

No próximo mês estaremos comemorando mais um dia do professor. Quem de nós não tem consciência de que o nível intelectual e até o desenvolvimento econômico de um país não são medidos apenas pelo número de escolas e sua infra-estrutura, mas sobretudo pela qualidade profissional de seus professores? É pela qualificação, pela dignidade e pelo nível de auto-estima do quadro docente que se pode esperar ser este um país melhor no futuro.

O magistério não pode ser uma profissão em que imperem pensamentos como “ensino o que me pagam”, “transmito o que os alunos querem aprender”, ou “simplesmente ensino”. O verdadeiro professor deve “fazer com que o aluno aprenda pelo raciocínio, pela dedução, pela lógica, pela busca, pelo desenvolvimento do cidadão crítico e responsável”.

Como você, professor de hoje, quer ser reconhecido amanhã?

Que o 15 de outubro de 2003 seja um momento de reflexão e o início de um novo tempo para todos nós. Para aqueles que estão iniciando a carreira de professor, votos de um feliz tempo novo e para os que já se dedicam a ela, votos de que possam avançar sempre em direção à excelência. Feliz dia do professor!

Nesta edição da *Impressão Pedagógica*, como em todas as anteriores, há riqueza de conteúdos. O momento de matrículas exige por parte da direção das escolas uma profunda reflexão sobre o *marketing* escolar, motivo pelo qual esse assunto é tratado na primeira e principal matéria desta edição. A leitura dos artigos deixa bastante clara a definição dos termos *marketing* e publicidade. Sua escola faz *marketing* e (ou) propaganda? Vale a pena uma profunda reflexão sobre o assunto.

Como não poderia deixar de ser, nesta revista vocês encontrarão muito conteúdo para auxiliá-los na prática pedagógica.

Boa leitura a todos e um dia do professor com saúde, paz, alegria e muito sucesso.

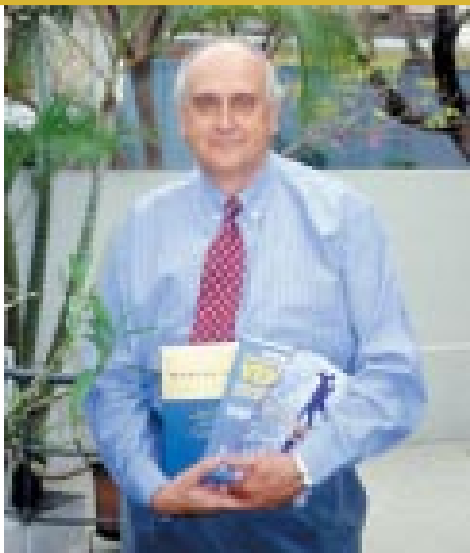
Armindo Wilson Angerer
Diretor Geral da Organização
Educativa Expoente

Índice

- 4 Entrevista**
Marcos Cobra fala da força do *marketing* nas instituições
- 7 Opinião**
Jorge Derby mostra os desafios da Química
- 8 Material Didático**
Conheça as novidades para 2004
- 10 Assuntos Delicados**
Temas como sexualidade e drogas devem ser discutidos em sala
- 12 Em Sala de Aula**
Conheça um projeto delicioso
- 14 Capa**
Especialistas discutem a formação do professor
- 16 Educação Infantil**
Ensino da Poesia está comprometido
- 18 Meio Ambiente**
Tema é fundamental para desenvolver a cidadania desde os primeiros anos
- 20 Ensino Superior**
Jovens discutem a cota para negros nas universidades
- 22 Lego Zoom**
Projeto estimula o trabalho em equipe
- 23 Escolas Conveniadas**
Projetos inovadores valorizam as instituições
- 28 Espaço Expoente**

A força do marketing nas organizações educacionais

Quem ainda não acredita na força do *marketing* Educacional pode estar dando a oportunidade para a superação da concorrência num mercado cada dia mais competitivo. Pensando nisso, a *Revista Impressão Pedagógica* entrevistou um dos nomes mais conhecidos quando o assunto é *marketing*, para chamar a atenção dos educadores. Marcos Henrique Nogueira Cobra, autor de mais de 32 livros publicados na área de marketing e vendas, é mestre e doutor em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em São Paulo e também consultor de empresas para a área de Marketing e Planejamento Organizacional, no Brasil e no Exterior há mais de 25 anos. Em seu currículo, ele já foi Reitor da Universidade Corporativa da TAM e Chefe do Departamento de Marketing da EAESP-FGV. Nesta entrevista, dada com exclusividade para a *Revista Impressão Pedagógica*, Marcos Cobra explica que não só os pais, mas principalmente o aluno é o principal cliente de uma instituição de ensino e ainda defende que a escola são os professores e não apenas suas instalações físicas.



IP - O professor de hoje tem consciência da importância do marketing para a instituição em que trabalha ou ainda é um assunto tratado com certa resistência, preconceito ou até mesmo desconhecimento?

Marcos Cobra - Acredito que os que trabalham com *marketing*, sim, mas nem todos os demais. Afinal o *marketing* para atrair e reter alunos não é a primeira preocupação do professor. O professor em sala de aula está preocupado com a sua avaliação em termos pessoais e talvez não em termos globais.

IP - O aluno e a sua família são os principais clientes dentro de uma institui-

ção educacional. Como o professor e a direção de um colégio podem agradá-los, usando o marketing como principal aliado?

Cobra - Em algumas instituições há confusão se o aluno é cliente ou é produto do ensino. Ele deve ser tratado como cliente para ser encantado. Como agradar o aluno? Em cada escola há uma expectativa diferente do aluno em relação ao curso e mesmo à escola e portanto não dá para generalizar. Mas a criação de comitês tanto de alunos quanto de professores pode ser uma boa forma de identificar e atender expectativas.

IP - Qual a importância do professor

como parte integrante do marketing e que resultados positivos um bom professor pode trazer para uma escola?

Cobra - A escola são os professores e não apenas suas instalações físicas e sua imagem no mercado. Quem constrói a imagem é o corpo docente e o discente. Ou seja, a escola precisa ter bons professores, mas também precisa escolher bem os seus alunos. Eu me recordo de que há cerca de dois ou três anos a CAPES rebaixou a pontuação da EAESP_FGV porque a nota atribuída à dedicação e ao desempenho dos alunos não eram satisfatórios. Nesse período, era difícil para o professor lecionar no curso de graduação. Hoje isso mudou e o aluno mais bem sele-

cionado é mais dedicado e tem um desempenho melhor. Em outras palavras, a escola precisa definir bem o perfil de aluno que ela quer formar. Sem bons alunos, a escola não será boa, por melhores que sejam os professores.

IP - Quais são as tendências do marketing de serviços para uma escola?

Cobra - Muitas escolas ainda confundem *marketing* com propaganda. E isso é histórico, pois no Brasil primeiro surgiu a propaganda, com as suas agências e até mesmo com escolas pioneiras como a Escola Superior de Propaganda – hoje ESPM – Escola Superior de Propaganda e Marketing. Portanto, na cabeça de muita gente ainda há uma confusão entre propaganda e marketing. As escolas investem em propaganda em revistas, jornais, *outdoor*, televisão, rádio etc., mas não investem em pesquisa de mercado para identificar o público alvo e o que ele espera da escola, e portanto não desenvolvem produtos de agrado de seus alunos. Muitas escolas trabalham com produtos de ontem, defasados e desatualizados, pois não procuram saber no mercado que tipo de profissional as empresas estão buscando. Com currículos defasados, as escolas apenas transmitem conhecimento e não formam profissionais competentes. Competência é igual (conhecimento + habilidade) atitude dividida pela produtividade do profissional formado pela escola.

IP - Com que meios, o marketing de uma escola pode colaborar socialmente?

Cobra - Desenvolvendo ações comunitárias. Por exemplo: uma escola de turismo, ajudando uma cidade a se tornar um pólo turístico; uma escola de direito, odontologia, farmácia ou medicina, proporcionando assistência ou tratamento grátis para a comunidade carente.

IP - O que é endomarketing e quais os meios mais comuns para realizá-lo numa escola?

Cobra - Professores, funcionários e colaboradores devem estar comprometidos com a imagem de bom atendimento e inovação a que a escola se propõe. Em outras palavras, as metas devem ser da instituição e de cada funcionário ou professor individualmente.

IP - Baixa qualidade de conteúdo ministrado, didática inadequada e uma bibliografia desatualizada são características comuns de muitos professores. Como o corpo docente pode prejudicar a estratégia de marketing de uma instituição?

Cobra - As escolas não fazem parcerias com autores e editoras para desenvolver material didático adequado e, portanto, sem investimentos, os recursos pedagógicos e os próprios professores se obsolescem, pois o conhecimento tem prazo de validade a cada dia mais curto.

IP - Considerar o corpo docente e a didática de uma instituição como aliados no processo de marketing é um passo importante para o sucesso do marke-

ting educacional. Como reverter essa situação para que os professores se tornem aliados?

Cobra - Professores mal remunerados, com baixo incentivo produzem pouco e se consideram párias da sociedade, valorizando a frase: “Quem sabe faz, quem não sabe ensina”. Ou seja, os professores não se sentem comprometidos com a qualidade do ensino, e nem investem o quanto deveriam em sua carreira e sua atualização.

IP - Muitos acham que o investimento em marketing é muito alto e o retorno é duvidoso. É preciso investir altas quantias em marketing para se ter um bom retorno? Quais são as alternativas para um orçamento enxuto?

Cobra - O investimento em *marketing* é de longo prazo, não se constrói uma imagem de uma instituição de ensino da noite para o dia...

IP - O marketing de relacionamento poderia ser uma saída? Como ele pode funcionar num ambiente escolar?

Cobra - Buscar parcerias é importante, o relacionamento é a chave do sucesso para qualquer organização, sobretudo no mundo da educação.

BENEFÍCIOS DO MARKETING

Orientar pelo *marketing* a gestão de uma instituição de ensino nada tem de prejudicial ou antiético, ao contrário, só trará benefícios, tais como os citados por Philip Kotler:

- Aumenta o nível de profissionalização da instituição.
- Torna transparente a qualidade dos serviços prestados pela instituição.
- Obriga a instituição a definir uma missão, metas e objetivos.
- Impele a instituição a trabalhar com planejamento estratégico.
- Posiciona a instituição no mercado.
- Seleciona mercados-alvo, distinguindo os melhores segmentos com potencial de mercado.
- Auxilia na melhoria do produto ou serviço oferecido pela instituição, uma vez que se volta para o atendimento das necessidades dos clientes.
- Melhora a satisfação dos diversos públicos da instituição.

Livro – A Gestão do *Marketing* nas Instituições de Ensino

Autores: Carlos Monteiro e Ryon Braga

Neste livro, os autores procuraram abordar a temática relativa ao *marketing* educacional de forma clara e objetiva, visando estabelecer um roteiro seguro para servir de guia para quem atua no setor. Iniciam com a visão de mercado e de cenários, necessária ao desenvolvimento do planejamento estratégico da instituição. Passam, na seqüência, para as questões relativas aos conceitos e aborda-

gens, com a finalidade de oferecer subsídios para a criação da filosofia e política de *marketing* da instituição. No desenvolvimento da obra, são enumerados os componentes e ferramentas do *marketing*, com ênfase nas ações de relacionamento e no *marketing one-to-one*. Na parte final, é proposto um roteiro para elaboração de um plano de *marketing* para cada instituição.



Carlos Monteiro

Ryon Braga

OPINIÃO

Afinal, o que é *marketing*?

Ryon Braga

Marketing é toda ação organizada que visa fazer com que outros queiram aquilo que você tem para oferecer e, ainda, que essa transação gere lucro. Há pouco mais de uma década, encontrar um profissional de *marketing* em uma instituição de ensino era algo extremamente raro. Preconceito? Desconhecimento? Talvez, mas acontece que naquela época as escolas não precisavam dele ou pelo menos achavam que não. Hoje a conversa é outra, as necessidades das instituições mudaram muito, mas o desconhecimento quanto às possibilidades do *marketing* ainda é muito grande.

Por que podemos afirmar que a necessidade de ações de *marketing* por parte das instituições de ensino aumentou muito? É fácil. No estado do Rio de Janeiro fecham, em média, quatro escolas particulares por mês. Em São Pau-

lo, estima-se que fechem as portas em torno de sete escolas por mês. No ensino superior, após um grande aumento da demanda, o mercado estabilizou-se e começam a sobrar vagas nas particulares. No último processo seletivo na cidade de Curitiba, no Paraná, 13.500 vagas oferecidas por IES (Instituições de Ensino Superior) privadas não foram preenchidas. Como não param de surgir novas instituições, a “quebradeira” deverá começar nos próximos dois ou três anos.

Hoje a exigência de qualidade por parte dos órgãos reguladores tornou-se mais rigorosa e, o que é mais sério, os clientes passaram a exigir muito mais. E ainda existem diretores de escolas que acham que fazem um favor aos alunos em oferecer-lhes uma boa educação.

Resumindo, a concorrência aumenta, cai o poder aquisitivo da população, os custos sobem, as mensalidades são pressionadas para baixo e os clientes exigem

mais. Quem não estiver preparado para isso pode se considerar fora do mercado.

Acontece que as instituições de ensino estão longe de estar preparadas para uma realidade globalizada e altamente competitiva. No ano 2000, realizamos uma pesquisa a respeito de *marketing* e publicidade nas instituições de ensino, entrevistando 30 diretores de IES e de Colégios da cidade de Curitiba, no Paraná. O resultado foi desanimador. Mais de 70% dos diretores confundiram conceitos de *marketing* com publicidade; 50% afirmaram que são as agências de propaganda que tomam conta do *marketing* de suas instituições; 45% deles disseram que não possuem um planejamento anual de *marketing* comunicação e 62% das instituições pesquisadas sequer estabelecem qual será a verba anual para investimentos na área. ■

Ryon Braga é autor do livro *A Gestão do Marketing nas Instituições de Ensino*



Ser Professor de Química – Mais que um desafio!

Dentre as várias discussões envolvendo o ensino de Química, devemos ressaltar a real utilidade do conhecimento químico adquirido pelos jovens no ensino médio, bem como a profundidade desse conhecimento. Desde a publicação dos PCNs, muito se fala em novas técnicas ou métodos de ensinar conteúdos químicos de grande importância, não só para testes de seleção acadêmica, mas essencialmente para a formação do aluno.

Muitos de nós (professores) estamos tentando dar novos enfoques em nossas aulas deixando-as mais contextualizadas, inserindo diversos conhecimentos químicos no mundo material do jovem aprendiz; outros, utilizando ferramentas multimídia para mostrar fenômenos microscópicos de difícil compreensão. Tais procedimentos são desafiadores e muito eficazes para colocar o aluno no mundo mágico da Química, porém algumas perguntas sempre vêm à cabeça: Estou ensinando meu aluno a gostar desse fantástico e misterioso mundo? Estou conseguindo que o aluno observe a real importância dessa ciência tão presente em nossas vidas? Para responder a tais questões devemos refletir sobre o mundo em que o jovem está inserido.

É notório que os jovens de hoje possuem um enorme número de possibilidades de entretenimento, muitas

vezes passando a escola a ser um lugar de presença obrigatória, imposto pelos pais. Como somos interessados em ganhar sua atenção durante o período escolar, devemos verificar nossa postura como educadores e temos duas opções: podemos ser tradicionais e autoritários, ou podemos encarar cada aula como um desafio de promover aprendizagem plena do assunto por meio da interação com o estudante,

“

Algumas perguntas sempre vêm à cabeça: Estou ensinando meu aluno a gostar desse fantástico e misterioso mundo?

”

fazendo com que ele crie novas idéias, novas formas de encarar os fenômenos ou situações estudadas, facilitando a sua compreensão, avaliação e a tomada de decisões. O paralelo entre esses dois tipos de profissionais é traçado pelo método de ensino a ser seguido: tradicional ou moderno contextualizado. Na primeira situação, teremos o método conteudista, me-

morizador, com trabalho autoritário do professor, no qual o aluno desempenha o papel passivo de ouvinte e observador. Com o segundo método, utilizaremos fatos do convívio diário transportando-o para ferramentas tecnológicas como multimídia ou laboratórios específicos para esse fim. Nesse caso, o aluno passa a ser agente da aprendizagem, construindo seu próprio conhecimento com base em dados teóricos, experimentais e cotidianos.

A partir desse paralelo podemos verificar que no mundo globalizado, a velocidade com que as coisas mudam nos obriga a sermos educadores interessantes para o aluno, achando tempo na sala de aula para expor novas formas de pensar que ajudarão os alunos a sobreviverem como cidadãos e como profissionais no futuro. Podemos afirmar também que muitas formas de pensar e agir do passado continuarão válidas no futuro, especialmente aquelas ligadas aos valores humanos e familiares, cuja presença na educação terá importância cada vez maior no mundo tecnológico em que vivemos. Então caro colega de profissão, aí vai a questão: Qual será a sua forma de ensinar?

Jorge Derbyly é mestre em Físico-Química pela Unesp-SP e professor do Ensino Médio e Pré-Vestibular da Organização Educacional Expoente

Educação de Jovens e Adultos ganha credibilidade

O excelente resultado, no último vestibular, dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Cristo Domini, na região de Parnaíba (PI), colaborou para a credibilidade dessa modalidade de educação na região, além de aumentar o número de alunos no colégio. De acordo com a diretora pedagógica, Osiely de Araújo Santos, o índice de aprovação no concurso dos alunos da EJA superou os do ensino regular. “Dos 35 alunos que fizeram a EJA, 20 passaram no vestibular, sendo a maioria em universidades públicas”, disse Osiely. Ela acredita que boa parte desse resultado deve-se ao material didático do Exponente, utilizado há dois anos pela instituição. “Temos uma grande vantagem sobre o nosso principal concorrente, pois ele não utiliza material didático no supletivo. Além disso, a apostila do Exponente tem agradado professores e alunos, além de o preço ser satisfatório”, diz a diretora pedagógica. Segundo ela, a prefeitura da cidade já manifestou interesse em adquirir o material didático.

Por conta dessa propaganda, a escola ganhou credibilidade e as pessoas passaram a acreditar mais na Educação de Jovens e Adultos. “Há muita resistência ao EJA, pois muitos não querem que conste em seu diploma, terem sido alunos do supletivo, normalmente visto como fraco e realizado por pessoas que não assistem às aulas”, constata Osiely.

Novidade 2004

Além de dar continuidade ao material do EJA para o Ensino Médio, o Exponente traz uma nova proposta no material de Educação de Jovens e Adultos – 2º segmento e ainda coloca no mercado um material com 16 unidades direcionado para a Alfabetização de Jovens e Adultos.

A adaptação do material surgiu da necessidade de mudar o enfoque pedagógico, adequando os temas à realidade do jovem e do adulto. “O Sistema Educacional Exponente apresenta um material produzido para esse segmento, com características e proposições voltadas ao diálogo e à interação, abrindo discussões, questionamentos em temas de interesse do público a que se destina, oferecendo os conteúdos fundamentais de estudo de forma simples e clara, compartilhando as informações”, destaca a gerente de desenvolvimento de produtos pedagógicos da Organização Educacional Exponente, Walny Terezinha de Marino Vianna.

Somente 25% dos brasileiros acima dos 15 anos têm domínio pleno das habilidades de leitura e de escrita. Os 75% restantes ou são analfabetos (8%) ou não conseguem dominar plenamente a escrita e a leitura (67%).

Fonte: Ibope



Já o material didático de Alfabetização de Jovens e Adultos é voltado àqueles que nada lêem ou escrevem (analfabetos absolutos) ou àqueles que identificam o código escrito mas pouco compreendem do que lêem ou escrevem (analfabetos funcionais). As 16 unidades abordam temas atuais que podem dar margem a discussões, relacionar-se a diferentes contextos e despertar a vontade de aprender. “São assuntos interessantes que despertam a curiosidade, a criticidade, a reflexão, e podem ser úteis a alunos de qualquer idade”, complementa Walny.

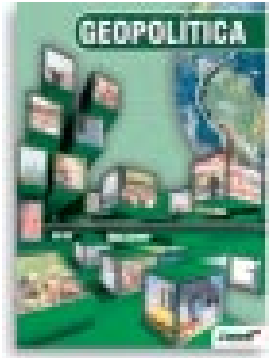
A metodologia está baseada nos princípios de Paulo Freire, que se fundamentam nos seguintes aspectos: além de aprender a ler e escrever, modificar a vida do cidadão analfabeto, mesmo sem ter ele frequentado a escola ou tê-la abandonado.

Geopolítica: uma aliada dos vestibulandos

Juntar as disciplinas de História, Geografia e Política de maneira dinâmica em um mesmo material didático foi o desafio do professor de Geografia, Arno Boing, ao elaborar o de Geopolítica, direcionado a alunos do Ensino Médio. De acordo com Boing, a Geopolítica é a ciência que estuda as relações políticas mundiais dadas em espaços geográficos e contextos históricos e percebida nas relações mundiais e nas esferas do estado político. Com essa apostila, abre-se um novo campo de estudo para a compreensão do momento histórico atual.

É pelo estudo da Geopolítica que os alunos, principalmente aqueles que estão se preparando para o vestibular, passarão a analisar com outros olhos os conflitos de luta/guerra como algo comum na história humana. Prova disso é o ataque terrorista, ocorrido em 11 de setembro de 2001 em Nova York, que serviu para chamar a atenção de todos de maneira veemente para o fato de que compartilhamos um único planeta.

O material didático, com diagramação e conteúdo preparado para o jovem, traz nos cinco primeiros capítulos uma visão global da Geopolítica para que este compreenda o mercado financeiro e a economia moderna. São tratados assuntos como conflitos regionais em todos os continentes e faz-se um apanhado da inserção do Brasil no mundo e uma análise da Geopolítica brasileira.



Coletânea para professores de Educação Física

Sem propor atividades inéditas, o Colégio Expoente dispõe uma coletânea completa direcionada a para professores de Educação Física do Ensino Fundamental. O desenvolvimento das atividades propostas partiu da vivência de um grupo de professores de Educação Física atuando em diferentes níveis de escolaridade e meios sociais, da consulta em outras bibliografias, de cursos de assessoramento e da troca de experiências em cursos ministrados.

Todo o material é baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) da Educação e pode ser utilizado para os diferentes níveis do Ensino Fundamental, servindo, ainda, como fonte de pesquisa.

De acordo com uma das autoras da coletânea, Simone Cristina Iubel Carneiro, a preocupação foi em não apenas oferecer simplesmente um rol de atividades, como um "livro de receitas". "Procuramos desenvolver um grande número de variações em cada atividade apresentada, para que o professor seja capaz de criar outras, pois contará com um material didático de qualidade que, aliado à sua experiência pessoal, enriquecerá o projeto didático-pedagógico da sua escola", explica Simone.



Biodiversidade é o tema escolhido para 2004

Biodiversidade foi o tema escolhido pelo Expoente para 2004 como apoio pedagógico e na ilustração das capas dos materiais didáticos. O tema vai proporcionar uma série de trabalhos e reflexões a serem realizados em sala de aula, despertando na criança a consciência sobre o assunto.

A palavra biodiversidade é nova, seu conceito procura descrever e integrar toda a variedade que se encontra em organismos vivos, nos mais diferentes níveis. O Brasil possui a maior biodiversidade do mundo. Calcula-se algo em torno de 15 a 20% de toda a diversidade do planeta, em particular, a mata amazônica com 22% de todas as espécies descritas de plantas superiores.



Lugar de polêmica é na sala de aula

Diante de alunos com tanta informação, temas como sexualidade e drogas não podem ficar fora da escola. Mas para discuti-los é fundamental ter embasamento e sensibilidade

Há algumas décadas, se o professor fosse surpreendido durante a aula com perguntas sobre a reprodução humana, certamente o aluno seria expulso de sala e nunca mais ousaria repetir aquele assunto na presença dos colegas. Mas isso faz muito tempo. Hoje o mundo é outro e para lidar com adolescentes com tanta informação, os educadores não podem simplesmente fechar os olhos e ouvi-

burburinho sobre determinados temas, então aproveito para falar sobre o assunto por meio de livros. Eles se interessam, pesquisam e ainda desenvolvem o gosto pela leitura”, ensina a professora Lucimeire Leduc Peixoto Fedalto, que realizou recentemente o projeto A Leitura como Fonte de Informação e Conscientização, no qual falou sobre a Aids com as turmas de 8ª série do colégio Expoente (leia em Projeto nota 10).

Antes de levar temas polêmicos para a sala de aula, no entanto, o professor deve ter seus objetivos bem definidos. “O educador não deve fazer juízo de valores. A escola precisa trabalhar com o conhecimento para que os estudantes optem pelo melhor caminho”, defende Ana Bergmann. “O papel do colégio é informar de maneira direta e sem rodeios porque hoje os adolescentes sabem de tudo pela TV e pela internet e, se não aprenderem em sala, podem descobrir fora dela e de forma errada”, completa Lucimeire.

Por isso, o acompanhamento da família é fundamental. “Antigamente a escola e os pais não se misturavam. Hoje, muitas famílias deixam a responsabilidade de educar apenas para as instituições. Nós temos que fazer a nossa parte, orientando e mostrando caminhos, e os familiares precisam trabalhar os valores, dar o exemplo em casa. Observamos que os adolescentes hoje sabem tudo, mas continuam totalmente perdidos”, defende a diretora de ensino.

É claro que a escola pode contribuir também com a família e ajudar os pais. O projeto Lição Para Toda a Vida, desenvolvido pelo Expoente desde 1999, é um bom exemplo. “Trazemos palestrantes para falar com os adultos sobre diversos temas. Mais uma vez a escola dá subsídios e informações”, diz Ana. “Assim aproximamos, pais, filhos e colégio e juntos participamos da formação dos alunos”, completa.

dos. É preciso discutir cada vez mais na escola os temas que antes causavam arrepios.

Mas como lidar, no momento certo, com assuntos como a primeira experiência sexual, doenças sexualmente transmissíveis, drogas e gravidez na adolescência? O primeiro passo é estar sempre atento ao interesse dos estudantes e aos temas que frequentemente ocupam as páginas dos jornais. “O professor precisa ter essa sensibilidade. Ele percebe quando os alunos estão falando muito sobre alguma coisa e também acompanham o que sai na mídia”, diz a diretora de ensino da Organização Educacional Expoente, Ana Bergmann.

A polêmica também pode partir do professor, mas ele precisa de base e motivo para tratar dela em sala de aula. “É claro que percebo o





Projeto nota 10

Tudo começou quando a professora de Língua Portuguesa da 8ª série, Lucimeire Leduc Peixoto Fedalto, propôs aos alunos a leitura do livro *Depois daquela viagem*, de Valéria Polizzi, que conta a história de uma adolescente que se tornou soropositiva (Aids) quando tinha 10 anos. Os estudantes gostaram tanto da atividade que ela deu origem ao projeto Leitura como Fonte de Informação e Conscientização.

Durante o desenvolvimento do projeto, os adolescentes fizeram pesquisas sobre as formas de transmissão e prevenção da doença, produziram reportagens, pinturas, teatro e murais. Também assistiram à palestra da ginecologista Rosméri Carvalho, que tirou muitas dúvidas dos estudantes. No final do trabalho, os jovens apresentaram tudo o que aprenderam para as outras turmas e ainda criaram a página www.aidsuexav.kit.net na internet.

O resultado foi tão positivo que os alunos quiseram mais. Eles aproveitaram todo o conhecimento e apresentaram o tema para cerca de 100 alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Pio Lanteri, no bairro do Uberaba, em Curitiba. “Foi importante passar para os outros o que aprendemos. Com a leitura do livro ficamos impressionados com o fato de uma vítima da Aids ser uma pessoa tão comum”, conta Vanessa Baruffi, 14 anos.

Camisinha na escola

Se já era difícil deixar os assuntos polêmicos fora dos muros da escola, agora ficou impossível. O Ministério da Saúde começou a distribuir em agosto preservativos para adolescentes da rede pública de Curitiba, no Paraná, Santos e Ribeirão Preto, em São Paulo, e Rio Branco, no Acre. O projeto-piloto tem como objetivo ajudar na prevenção da gravidez na adolescência e da contaminação pelo vírus HIV.

A novidade, no entanto, causou polêmica. “Acho que não adianta apenas entregar a camisinha. É preciso ensinar como usá-la, porque é a hora certa para isso. O mais importante é conversar e explicar e não apenas colocar o preservativo diante dos jovens”, defende Ana Bergmann.

Justamente por isso, cerca de 100 professores e educadores receberam capacitações em Curitiba, coordenadas pelas Secretarias Municipais de Saúde e da Educação e pelo Centro Paranaense de Cidadania (Cepac). ■



Aprendizado com cores e sabores

Projeto reúne conteúdos de quatro disciplinas e ainda ensina adolescentes a cozinhar



Em casa, muitos deles nunca tinham sequer frito um ovo. Mas na escola os alunos da 1ª série do Ensino Médio do Exponente aprenderam Biologia, Matemática, Artes e Literatura diante do fogão. Isso mesmo. Os professores das quatro disciplinas se uniram e promoveram o projeto Exponentes na Cozinha, que levou 38 adolescentes a conhecerem conteúdos utilizando as panelas.

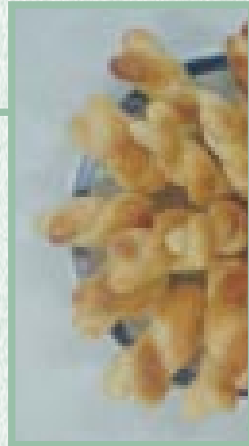
O resultado foi surpreendente. Os adolescentes assimilaram as matérias com mais facilidade pois viveram na prática toda a teoria da sala de aula.

Além disso, terminaram o trabalho orgulhosos. Afinal, nunca imaginaram ser capazes de preparar, por exemplo, um belo prato de comida chinesa ou docinhos parecidos com aqueles da vovó. “Foi muito legal porque os estudantes se sentiram parte do processo de aprendizagem e, como tiveram atividades variadas cada um pôde aproveitar de acordo com a sua facilidade”, diz o professor de Biologia, Antônio Inácio de Souza.

Mas se você está se perguntando o que a culinária tem em comum com as disciplinas escolares, a resposta é

bem simples: tudo. A ideia do projeto surgiu depois que o professor Gerson Balmant, de Artes, leu o livro *O que Einstein disse a seu cozinheiro*, de Robert L. Wolke, que apresenta respostas para muitas questões relacionadas à ciência da cozinha. Encantado com a história, ele apresentou a proposta aos colegas, Antônio Inácio, de Biologia, Josener Gonçalves, de Matemática, e Wallace Stocco Martinez, de Literatura, que concordaram imediatamente.

O quarteto então conversou com os alunos, que se interessaram pelo



Os professores Gerson, Antonio Inácio e Josener sentem orgulho do resultado do trabalho.

projeto. No contraturno das aulas, professores e estudantes tiveram oito encontros divididos entre teoria e prática. Primeiro aprendiam os conceitos, entre eles, as vitaminas, proteínas e as substâncias que compõem os alimentos (Biologia), as calorias e quantidades para se preparar um prato (Matemática), a história da culinária mundial e a importância do visual de uma refeição (Artes). Só então definiam o cardápio em grupo, compravam os ingredientes – olha a Matemática novamente – e colocavam a mão na massa. Nessa última etapa faziam de tudo. Desde descascar e cortar os ingredientes, até ver se “estava no ponto” e colocar na mesa.

“Os alunos ficaram muito envolvidos e passaram até a se interessar pela cozinha em casa também. Arriscaram algumas receitas e os pais também ficaram satisfeitos por ver os filhos mais independentes”, orgulha-se Gerson. “Testei alguns pratos e deram certo. Foi divertido fazer

minha própria refeição”, conta Eduardo do Rosário, 15 anos. Além de ajudar o adolescente a amadurecer, o projeto também promoveu qualidade de vida. Durante todas as etapas de trabalho os professores apresentaram dicas para manter uma alimentação saudável. “Mostramos a eles a pirâmide alimentar e como deve ser uma dieta balanceada, com carboidratos, frutas, legumes e pouca gordura”, lembra Gerson.

Um projeto tão cheio de detalhes não poderia passar sem um registro escrito. Foi aí que o professor de Literatura entrou na jogada. Wallace coordenou a produção de um livro, cujo título provisório é *S.O.S Adolescente na Cozinha*. Os textos foram escritos por um grupo de alunos que preferiu deixar as painelas de lado. Eles criaram crônicas – algumas com final feliz e outras nem tanto – sobre as aventuras de jovens na cozinha. “Em uma delas, por exemplo, um garoto tenta fazer

um jantar para conquistar a namorada e dá tudo errado”, diverte-se Cleiton Marques Ismael Neto, 15 anos.

Além das crônicas, as páginas do livro também foram incrementadas por ilustrações dos próprios estudantes e pelas receitas testadas por eles mesmos. “Foi muito legal porque cada um pôde colocar o seu talento em prática”, completa o estudante. ■

“Não se pode ensinar tudo a alguém, pode-se apenas ajudá-lo a encontrar por si mesmo.”

Galileu Galilei



Excesso de títulos não significa um bom currículo

Investimento na educação continuada, senso crítico e ética são fundamentais para a boa formação do professor

O mercado de trabalho é cada vez mais exigente e quem não se enquadra acaba excluído e com dificuldades de encontrar um emprego. Segundo dados divulgados pelo IBGE, o desemprego chegou a 13% no mês de junho. Os números são duros e preocupantes, mas é possível escapar da crise e conseguir destaque investindo na formação profissional.

Especialistas defendem a graduação como parte importante do processo. “É um momento de estranhamento, de questionar o que se aprende e duvidar dos preconceitos que existem”, defende Julio Groppa, pós-doutor em Educação em Valores pela Universidade de Barcelona e doutor

em Psicologia Escolar.

“A formação crítica permite que o professor até mesmo olhe para as demandas do mercado e as avalie. Até que ponto elas correspondem efetivamente às necessidades sociais? Em que se sustenta a competição? Que critérios são utilizados para se julgar o trabalho? É preciso, sim, procurar crescer, mas em que direção? Com que finalidade? Se o educador não tiver em mente essas questões, ele poderá seguir um caminho equivocado”, completa Terezinha Rios, doutora em Educação.

O diploma, no entanto, não significa sucesso absoluto e muito menos um ponto final na formação do docente. Nesse caso, os especialistas são

unânimes em dizer que a falta de dinheiro ou tempo não são desculpas para a acomodação. “Se a formação for assumida institucionalmente e pessoalmente como um valor ao trabalho docente, os recursos serão encontrados”, diz Lino de Macedo, professor titular de Psicologia do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). “Um bom professor tem que ser uma pessoa interessante, sempre inquieto e “antenado” com o que acontece no mundo. Existe uma diversidade de opções culturais e muitas delas são gratuitas”, conclui Groppa.

Ter um currículo cheio de títulos e participações em eventos educacio-

nais também não garante prosperidade profissional. “Eles servem como um complemento mas não devem substituir a formação”, diz Lino de Macedo. “Os encontros sistemáticos de reflexão são muito mais importantes do que alguns cursos. Isso já acontece na educação pública em São Paulo, mas nas escolas particulares não. Transformar o professor em aluno é fundamental para o desenvolvimento profissional”, comenta Groppa.

Na sala de aula – É impossível pensar no professor e se limitar à técnica. Dominar os conteúdos não é o suficiente para encantar os alunos diariamente. “A competência do professor tem, além do domínio de conceitos e de recursos para socializá-los, uma dimensão estética, relacionada à presença da sensibilidade no trabalho, uma dimensão política, que diz respeito ao conhecimento e interferência no contexto social em que se dá a prática educativa, e uma dimensão ética, que é fundamental pois re-

presenta o compromisso do professor com a construção de um bem comum, a cidadania”, explica Terezinha Rios.

O professor Groppa também considera a ética fundamental para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade. “São esses valores que guiam as relações em sala de aula. A educação ainda é excludente. Muitas escolas ainda acreditam que 3 ou 4 alunos são capazes de ‘estragar’ uma turma. Isso é a morte. A escola é uma fauna humana e essa é a graça. As diferenças precisam ser respeitadas”, diz.

É comum também os docentes reclamarem da falta de interesse dos estudantes, mas com atitudes individuais é possível melhorar a relação em sala de aula. “O professor que está atento à realidade dos alunos e a articula com os conhecimentos de sua área, sem dúvida terá mais chance de atrair os estudantes. Além disso, é preciso pensar no próprio interesse pelo trabalho. É impossível estimu-

lar alguém quando a própria pessoa não demonstra seu amor por isso”, defende Terezinha Rios.

Quando o assunto é o futuro da educação no Brasil, as opiniões dos especialistas divergem. Segundo Terezinha Rios, é possível “prever” os acontecimentos; pois hoje estamos construindo o amanhã. “É necessário agregar forças e trabalhar agora a configuração que a gente deseja que ela tenha, ou seja, formar sujeitos participativos na construção da sociedade, com seus direitos reconhecidos e que trabalhem juntos para afirmar a solidariedade e a justiça”, resume.

Já Julio Groppa acha a previsão inútil, mas arrisca. “Ou a educação terá bons professores ou não existirá. Não haverá nem computadores, nem lousas e será um espaço onde vão ser contadas histórias dos séculos anteriores de maneira mais profunda”. ■

Os três especialistas entrevistados para a reportagem participaram dos Seminários de Educação – Produções Educacionais. A empresa de Curitiba, especializada na organização de eventos em todo o Brasil, realizou congressos no Rio de Janeiro, em Camboriú, Fortaleza, Salvador e São Paulo, no ano de 2003.

Os seminários, que reuniram cerca de 400 pessoas cada, foram sucesso entre os participantes. “As conferências e palestras foram muito enriquecedoras. Os temas escolhidos, atuais e polêmicos e os profissionais que participaram, muito bem selecionados. Com certeza tudo o que aprendi vai me ajudar muito no dia-a-dia com nossos 68 mil alunos e 64 escolas”, conta Rita de Cássia Manhães, gerente da Coordenadoria Regional Metropolitana VIII, de Niterói, que participou do evento do Rio de Janeiro.

Mário Sérgio Vasconcelos, pós-

doutor pela Universidade de Barcelona, ministrou palestras nos seminários do Rio de Janeiro e de Fortaleza e também ficou satisfeito com o evento.

“A produção foi muito feliz na forma e conteúdos definidos para o evento. Sob a modalidade de conferências e diálogos temáticos, pudemos acompanhar a discussão de temas atuais. O resultado foi um diálogo interativo em que os participantes pude-

Aprender a Fazer

Produções Educacionais



ram conviver com visões críticas e progressistas a respeito do processo educativo e institucional, necessário para a construção de uma escola democrática de qualidade”, conclui. ■

Aprender a Fazer

(41) 322-3400 ou

www.aprenderafazer.com.br



Ensino da poesia nas escolas está comprometido

Pesquisa foi realizada com 53 educadores de escolas públicas e privadas

Uma pesquisa realizada no ano 2000 sobre o ensino da poesia em séries iniciais da escolarização brasileira revela um quadro nada animador e a raiz do problema está na formação dos educadores. O levantamento é resultado de uma defesa de doutorado feita pela professora da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Unesp, em Presidente Prudente, Renata Junqueira de Souza.

A pesquisa foi realizada com 53 educadores de escolas públicas e privadas para avaliar como eles concebem e ensinavam poesia. Renata constatou que a escolha do texto poético utilizada em sala de aula não possui nenhum critério. “Os professores, responsáveis em apresentar a seus alunos poesias que propiciariam o prazer pelo ato de ler, mediante uma leitura crítica e social do homem e do mundo, não o fazem, por não serem leitores”, destacou. Segundo ela, infelizmente, tais docentes não conhecem a natureza específica do texto literário e, no entanto, ensinam conteúdos como: texto, leitura e poesia, mesmo não os tendo assimila-

do. A leitura trabalhada pelas professoras é, em sua maioria, uma leitura instrumental, que lamentavelmente se utiliza do texto poético como instrumento de exercitação de soletração silábica, sonorização.

Para se aprofundar no tema, Renata realizou seu pós-doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de British Columbia, em Vancouver, no Canadá, avaliando a disciplina Poesia na Educação. “A experiência canadense comprova que os professores não se apóiam em livros didáticos, mas nas próprias obras dos poetas”, diz.

Ao contrário da realidade brasileira, no Canadá em todas unidades poéticas, são priorizados os textos literários. Em séries iniciais canadenses não há a adoção de um livro didático específico ou de variados livros didáticos, como foi constatado na pesquisa realizada no Brasil. Todo trabalho sobre leitura, interpretação e produção de texto utiliza textos de literatura. “Esse é um dos fatores principais para a formação estética do aluno/leitor”, acredita Renata.

Um poema por dia

O projeto Um Poema Por Dia vem do Canadá e consiste em ler uma poesia por dia. Entre as opções pode-se ler em voz alta, com ajuda das crianças, fazendo o antigo jogral; ler a poesia no começo da aula ou no final; um dia escolher um poema que diga respeito ao conteúdo trabalhado; outro dia estimular grupos de crianças para trazerem seus poemas de casa e lê-los na hora da poesia.

Entre variadas técnicas para o incentivo da leitura e a fomentação do gosto têm-se: técnicas para leitura em voz alta, teatro da leitura, contar histórias, conte e desenha, teatro de fantoches, círculos literários, leitura com amigo, leitura de poesia e planejamento de uma unidade poética, entre outras. A escolha por uma dessas técnicas leva em consideração o desenvolvimento, interesse e faixa etária das crianças.



Professores usam a criatividade

Apesar de a pesquisa revelar um quadro desanimador, muitas escolas vêm tentando reverter a situação. Em Curitiba, no colégio Expoente, alunos da Educação Infantil já começaram a ser estimulados pela professora Simone Kleina Machado. Amante confessa do texto poético, ela está sensibilizando os seus alunos ao ler poesia em sala de aula. “A criança aprende a ouvir e identifica rapidamente a poesia, pois está o tempo todo respirando a poesia seja nas rimas, parlendas, trava-língua, brincadeiras de roda e cantigas infantis”, percebe.

Em sua aulas, os alunos já entraram em contato com as poesias de Vinicius de Moraes, Cecília Meireles e Sérgio Camparelli. “Um dos trabalhos mais interessantes”, conta ela, “foi com a poesia *As Borboletas*, de Vinicius de Moraes. Como o poema trabalha com as cores das borboletas, decidi fazer um teatro na sala. Dividi a turma em grupos e eles confeccionaram roupas e acessórios para o teatro de acordo com a cor de cada grupo. Consegui só com essa atividade despertar o gosto pela poesia, explorar as cores, desenvolver a criatividade e a desinibição”, diz, satisfeita com o resultado.



A professora Simone Kleina Machado lê poesias para seus alunos.

Dicas para se aprofundar no mundo da poesia

A falta de interesse da sociedade – e da escola – pela poesia reflete-se no mercado editorial. Os poetas têm dificuldade em publicar seus livros e, quando conseguem, esbarram na falta de leitores. Até mesmo livros para o professor se aprofundar no ensino da poesia infantil são raros. A professora da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Unesp, Renata Junqueira de Souza, indica dois: *Poesia Infantil* – Maria da Glória Bordini, editora Ática e *Trabalhando com Poesia* – Alda Beraldo, vol. 1 e vol. 2, também da editora Ática.

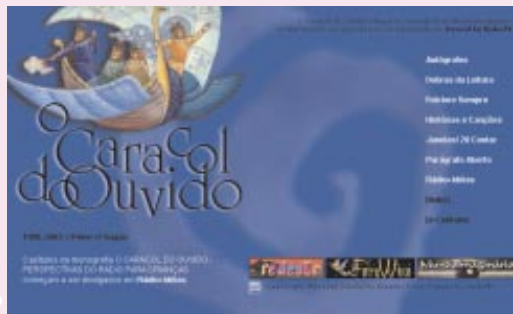
Já os sites de autores pode ser uma opção de leitura para as crianças. Entre eles, Renata indica o site do escritor Ricardo Azevedo – www.ricardoazevedo.com.br; outro de nome Caracol de Ouvido – www.caracol.imaginario.com e Doce de Letra – www.docedeletra.com.br. ■

“

A criança aprende a ouvir e identifica rapidamente a poesia.

Simone Kleina Machado

”



Uma lição de respeito ao Meio Ambiente

Projetos que incentivam a preservação do planeta ajudam a desenvolver a cidadania desde a infância

Respeitar e cuidar dos seres vivos, melhorar a qualidade de vida humana e conservar a vitalidade e a diversidade da Terra são conceitos que há alguns anos deixaram as páginas dos livros para fazer parte da rotina dos estudantes. A nova geração aprende cedo que não pode jogar lixo no chão e que os recursos do planeta não vão durar para sempre. Cabe à escola, no entanto, despertar o interesse do aluno para que no futuro ele possa mudar a sociedade. “Se ele for consciente, vai levar essa preocupação para casa, para a rua e para o clube e é isso que queremos”, defende a professora Cristiane Malmegrin Elias, da 1ª série do Ensino Fundamental da Organização Educacional Expoente.

A melhor maneira de encantar o aluno é fornecer-lhe conhecimento. Por isso, o aprendizado pode começar bem cedo, já na educação infantil. “Acho que o trabalho nas escolas deveria ser mais contínuo, muitas vezes

há apenas o envolvimento momentâneo”, defende Roseni Rudek, professora de Geografia da 5ª, 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental do Expoente. “Para o resultado ser positivo os professores devem trabalhar em conjunto e, além de projetos em sala de aula, eles devem dar o exemplo. Não adianta ensinar uma coisa e fazer outra. É preciso envolvimento verdadeiro”, completa. Responsabilidade é a palavra-chave para quem pretende ensinar conceitos e conteúdos ligados ao Meio Ambiente. Além de serem muito importantes para o futuro do planeta, esses assuntos são muitas vezes novidade na casa dos estudantes. “Trabalhamos a reciclagem e sentimos que muitas crianças começaram a cobrar uma atitude dos pais. Na época em que os adultos estavam na escola não se falava desses temas. Nós mesmos fizemos uma pesquisa bem ampla e descobrimos um monte de novidades”, diz Marília Ribeiro Jachi-

noski, professora da 1ª série do Ensino Fundamental.

Em 2004, a biodiversidade estará diariamente presente nas salas de aula do Expoente e das escolas conveniadas. O tema foi escolhido para estampar todo o material didático da instituição (veja os detalhes na página 9).

Para aplicar em sala de aula

Os projetos Sustentabilidade: comemorando a agenda 21, das professoras de 5ª série Roseni Rudek, de Geografia, e Denise Bigaiski, de Ciências, e Reciclagem: reutilização do papel, de Marília Ribeiro Hachinoski e Cristiane Malmegrin Elias, ambas da 1ª série do Ensino Fundamental, reúnem excelentes dicas para serem utilizadas em sala de aula, sem custo e com a interatividade dos alunos. Os dois trabalhos, realizados em 2002, foram apresentados no III Congresso Paranaense de Educação, em julho deste ano.



Sustentabilidade: comemorando a agenda 21

Tendo como base o documento Agenda 21 – um programa de ação com 40 capítulos considerado a mais ousada e abrangente tentativa de promover um novo padrão de desenvolvimento, conciliando métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica, aprovado na Eco 92, realizada no Rio de Janeiro –, o projeto pretende mostrar soluções para os problemas ambientais. “Percebemos que sempre trabalhamos separadamente e nunca falamos de ações para melhorar o planeta”, explica Denise Bi-gaiski.

O ponto de partida das professoras foi investigar o interesse dos alunos que, divididos em grupos, pesquisaram sobre a Agenda 21 e sobre a sustentabilidade – desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades –, o conceito mais utilizado durante o trabalho.

Em seguida, as crianças trabalharam o tema de diversas maneiras, entre elas histórias em quadrinhos, textos, paródias, jogos, poesias e até maquetes. No final do trabalho, que começou em maio e terminou em novembro, as turmas apresentaram tudo o que aprenderam para os pais e colegas das outras séries e ainda fizeram uma auto-avaliação. “Eles ficaram muito interessados e ainda aprenderam a se organizar. Todos os grupos tinham um *portfólio*, criaram um projeto e arquivaram cada etapa. Na hora de montar a apresentação ficou fácil”, diz Simone.

A organização, no entanto, não foi só da garotada. Para trabalhar em sintonia as professoras tinham encontro marcado uma vez por semana. “Anotávamos tudo o que estávamos fazendo e o que pretendíamos executar em cada turma. Foi interessante porque cada vez trabalhávamos o pro-

jeto na aula de uma das disciplinas. Então, continuamos seguindo o currículo normalmente e ainda incluímos o meio ambiente”, conta Roseni.

O interesse foi tanto que as professoras vão dar continuidade ao trabalho com as turmas, que agora estão na 6ª série. “Trabalharemos a biodiversidade e a saúde humana. Só que agora vamos nos unir com os professores de Matemática, para os gráficos, e de Língua Portuguesa, para os textos. Pretendemos mostrar o que a natureza pode nos trazer de curas”, diz Roseni, empolgada.

Reciclagem: reutilização do papel

Com as turmas da 1ª série, as professoras Marília Ribeiro Jachinoski e Cristiane Malmegrin Elias trabalharam a reciclagem de papel. O projeto foi dividido em várias etapas e começou com uma pesquisa sobre os tipos de papéis que podem ser reutilizados e os que não podem. Feito isso, os pequenos “bolaram” uma campanha de reciclagem dentro da própria escola.

Depois de coletar as doações dos colegas e funcionários, os alunos fizeram o papel reciclado. “Essa parte foi divertida porque trouxemos vários detalhes como ponta de lápis e barbante para enfeitar. Os trabalhos ficaram muito bonitos”, orgulha-se Marília. Em seguida os estudantes descobriram o que poderia ser feito com o material reciclado, como por exemplo porta-retratos, bloquinhos e até brinquedos. “Vi um jacaré todo de papel em São Paulo e trouxe para eles. A partir daí as crianças criaram em grupos outros bichos”, recorda a professora.

A outra etapa do trabalho foi uma visita à Usina de Valorização de Rejeitos, em Campo Magro, no Paraná. No local, o material é separado e tem até um museu com os objetos encontra-

dos no lixo. “Essa experiência foi muito importante para eles porque sentiram o cheiro do lixo e passaram a valorizar as pessoas que trabalhavam no local.



Com isso, modificaram muito seus conceitos e caíram na realidade”, diz Cristiane.

As professoras lembram ainda que durante todo o projeto os alunos fizeram as atividades com objetivos bem definidos. “Antes de começar o trabalho eles anotam o que já sabem sobre o tema e o que gostariam de descobrir. Antigamente essa metodologia só era feita com adultos e hoje eles começam mais cedo. As crianças, atualmente, são muito mais críticas e questionadoras”, conclui Cristiane. ■

“Acho que o trabalho nas escolas deveria ser mais contínuo, muitas vezes há apenas o envolvimento momentâneo.”

Roseni Rudek

Debate ultrapassa os bancos universitários

Cotas para negros já são realidade em algumas instituições e alvo de discussão de toda a sociedade

A segunda maior população negra no mundo é a brasileira. Eles são maioria nas ruas, mas poucos nos bancos escolares. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2002, os brancos têm em média 7,6 anos de estudo, enquanto os negros somam 5,2. Entre os analfabetos, os primeiros representam 8,3%, enquanto os segundos, 19,8%.

Quando a discussão chega ao espaço universitário, a diferença é ainda mais alarmante. Apenas 2,3% dos estudantes negros ingressam na faculdade, enquanto os brancos representam 11,2% da população universitária. Para se ter uma idéia, entre os mais de 3 mil estudantes aprovados no vestibular de 2000 da Universidade Federal do Paraná (UFPR), apenas 38 são negros.

Com dados tão desiguais, é impossível manter os olhos fechados. Por isso, a Imprensa Pedagógica resolveu discutir as cotas raciais nas universidades. O tema tem frequentemente ganhado as páginas dos jornais e sempre gera polêmica. No bate-papo estão dois jovens negros, Francisco José Marques, 23 anos, aluno de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), contra a medida, e Cristiano Dionísio, 24, advogado da Rede Paranaense de Comunicação (RPC), mestrando em Direito Econômico e Social e professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a favor. Confira o debate:



“A cota não é a solução definitiva. É uma saída emergencial para enfrentar esse gargalo.”

Heraldo Pereira - Jornalista Rede Globo

As cotas

Francisco José Marques – “A política de cotas é mais uma forma de preconceito contra os negros. É óbvio que o grande problema do Brasil é a má distribuição de renda. É preciso igualdade de condições para que todas as pessoas tenham as mesmas chances para disputar vagas nas instituições públicas. Os negros podem conseguir uma vaga com seu próprio esforço”.

Cristiano Dionísio – “A política de cotas é somente uma das possibilidades de exercício de um campo maior dentro das políticas públicas: as ações afirmativas. Essas ações visam, prioritariamente, ao estabelecimento de uma base material de igualdade para um determinado segmento da população que se encontra prejudicado em sua atuação social. Nesse sentido, entendo que a medida possibilitará, a médio prazo, uma presença ainda mais positiva dos cidadãos negros na dinâmica de produção e consumo da sociedade atual.”

Benefícios

Francisco José Marques – “Na minha opinião não há benefícios. É preciso resolver a desigualdade no ensino desde o início e não só na universidade”.

Cristiano – “Quando se fala em política de cotas, deve-se entender a possibilidade de acesso a melhores postos de trabalho, mais renda, consumo mais qualificado e melhor vivência cultural, o que, é claro, não beneficia somente os destinatários dessa política, mas a sociedade como um todo. A medida não soluciona o problema, mas é suficiente para se criar um novo momento na história social do país. Muito já foi conquistado mesmo sem essa premissa. A contribuição negra para a cultura, história e desenvolvimento de um pensamento nacional é evidente a despeito de todas as dificuldades apresentadas”.

Preconceito

Francisco – “Nunca sofri preconceito, mas a discriminação contra nós negros existe desde o ensino básico, que é deficitário. Não acho que a ideia das cotas seja de todo má, mas é preciso que haja mudanças na gênese do problema, ou seja, garantir igualdade desde a infância. Como diz Paulo Freire: ‘Pode até haver vida sem sonho, mas não existência humana sem sonho’”.

Cristiano – “Existe e deve ser oposto pela valorização de uma cultura de respeito, tolerância e pluralidade. As Ações Afirmativas podem atender parte dessas demandas, mas não todas elas”.

Soluções

Francisco José Marques – “Uma delas seria criar um fundo de manutenção do Ensino Médio e investir na qualificação dos professores nesse nível de educação, para, assim, assegurar a igualdade de condições de todos os vestibulandos”.

Cristiano – “O benefício mais direto vem da própria situação de convívio com a diversidade. Não se pode admi-

tir passivamente que futuros professores, médicos, engenheiros, advogados ou qualquer outro profissional com formação superior não vivam a diversidade que a sociedade brasileira proporciona, principalmente neste que é o período mais rico de descobertas acadêmicas e pessoais. Se ainda acreditamos que a universidade, enquanto instituição, tem muito a fazer pelo país, o primeiro passo é fazer com que o país se faça dentro dela”.

Fique por dentro

– A Comissão de Constituição e Justiça do Senado (CCJ) aprovou em abril a lei do deputado Paulo Paim (PT-RS) prevendo que 20% das vagas nas universidades federais, concursos públicos, empresas, filmes publicitários e programas de televisão deverão ser ocupados por negros.

– O sistema de cotas para negros foi aprovado no Rio de Janeiro no ano passado. Em 2002, 40% das vagas das universidades estaduais foram reservadas para os estudantes afro-descendentes e 50% para alunos da rede pública. A medida causou muita confusão, pois houve superposição de vagas e alguns alunos se incluíram nos dois critérios.

Para 2003, as instituições já fizeram modificações e definiram 20% para estudantes da rede pública e outros 20% para a cota racial. Os estudantes interessados, no entanto, só poderão se enquadrar em um dos dois critérios. Com isso, as universidades estaduais reservarão 45% das vagas para alunos beneficiados pelas duas medidas.

– A professora Delcele Mascarenhas Queiroz, da Universidade do Estado da Bahia, lançou, em março deste ano, o livro *O Negro na Universidade*, que mostra a distribuição por etnias nas instituições federais. Segundo pesquisas da professora, os negros representam 8,6% do total de alunos da UFPR e 32,3% na UNB.

História

Heráclio Pereira - Jornalista Rede Globo

“Sou a favor das cotas. Acho que o mais importante de tudo é que, ao contrário do que ocorria nos tempos passados, agora há uma discussão estabelecida. Ao longo da nossa história, que é contada a partir do ponto de vista do colonizador, ou seja, da elite, os escravizados e seus descendentes ficaram de lado.

Portanto há um passivo importante aí que, a meu ver, precisa ser indenizado. E esse passivo não será pago pelas cotas não. É outra coisa. Requer indenização mesmo pelos serviços prestados pelos antepassados dos africanos descendentes. O estado tem que pagar pelo serviço que foi em séculos de história.

A cota não é a solução definitiva. É uma saída emergencial para enfrentar esse gargalo.”

Você também pode fazer parte da turma

Lego Zoom

Projeto que desenvolve o espírito de equipe e a criatividade faz sucesso entre os alunos

Desenvolver a criatividade, solucionar problemas, trabalhar em equipe e ainda se divertir bastante. Com o paradidático Lego Dacta é possível reunir tudo isso na sala de aula e enriquecer os conteúdos curriculares. Munidos de uma revista e peças de Lego, os alunos se desenvolvem com os 4 Cs: conectar, construir, contemplar e continuar. “Com o trabalho, as crianças aprendem a solucionar problemas. Testam, refazem e elaboram até chegar ao objetivo final. Além de desenvolver muito o grupo, as aulas são preparatórias para a robótica”, explica Rosana Romanó, coordenadora de informática da Organização Educacional Expoente.

A instituição foi a primeira a adotar o projeto em Curitiba. Este ano apenas a 1ª série do Ensino Fundamental está trabalhando com o Lego, mas o sucesso foi tanto que em 2004, as aulas serão estendidas para todas as turmas até a 4ª série.

Uma vez por semana, as crianças fazem a leitura da revista Lego Zoom (veja em Histórias Divertidas) e, em seguida, utilizam as peças para as montagens. Divididos em grupos de 3 ou 4, cada aluno desempenha uma função. Um deles é o administrador, responsável pela organização e contagem das peças; o outro, o construtor, que lidera a montagem; o terceiro representa o relator, que desenha ou escreve todo o processo, e o último é o apresentador, que conta para os outros colegas como foi a tarefa.

“As atividades com o Lego foram muito importantes para a minha turma. No início havia briga, porque todos queriam ser o construtor. Hoje eles aprenderam a respeitar o espaço um do outro e trabalham muito com situações de conflito”, conta a professora Maria Regina Bonilauri, da 1ª série A. “Também observei que até os alunos mais tímidos, com dificuldades de se colocarem diante da turma, ficam à vontade durante as tarefas do projeto”, completa.



Além de ajudar no desenvolvimento das crianças, o projeto é um excelente complemento aos conteúdos. “A revista que estamos trabalhando no 3º bimestre fala sobre os meios de transporte. Então, antes de utilizar o lego as crianças participaram de uma sensibilização. Pesquisaram sobre o tema e fizeram trabalhos em massinha. Durante as aulas, aproveite para usar também conteúdos de outras disciplinas, como por exemplo a matemática”, conta a professora Regina. ■

Histórias divertidas

Com figuras bem coloridas e atrativas, a revista Lego Zoom tem proposta centrada em unidades específicas para cada série de ensino fundamental de acordo com os PCNs. Nas publicações – nove de 1ª a 4ª série e quatro de 5ª a 8ª – é possível encontrar histórias em quadrinho, dicas, atividades, o passo a passo da montagem e um desafio.





Preocupação do São Camilo (ES) com o meio ambiente rende prêmio nacional

Em apenas um ano, instituição reduziu o consumo de água em 100%

O Centro Educacional São Camilo (ES) recebeu, no ano passado, o Prêmio Água e Cidade como a melhor prática de gestão no uso racional da água em todo o país. A premiação foi conquistada pelo significativo desempenho do Programa Gota D'Água que, em apenas um ano, reduziu de 20 litros/usuário/dia para 11 litros/usuário/dia o consumo de água na instituição.

A responsável pelo programa, professora Adriana Abel Penedo, conta que o primeiro passo foi a mobilização da própria Comunidade Camiliana, com a realização de conferências internas voltadas para alunos, professores e funcionários do São Camilo (ES). Com a conscientização de todos, criou-se a prática de medições diárias dos hidrômetros e monitoramento de todos os pontos de consumo em busca de vazamentos. A manutenção dos equipamentos hidráulicos tornou-se, nesse contexto, uma prioridade e também foram feitas pesquisas acerca de melhores equipamentos e instalação de placas indicativas para o uso racional da água em todos os pontos de consumo. Assim, alunos, professores e funcionários tornaram-se fiscais da água.

Os alunos da instituição visitaram empresas de envasamento de água mineral, com o objetivo de conhecer todo o processo necessário para garantir a qualidade da água consumida e a importância da sua preservação para a saúde e o bem-estar da população. Posteriormente, foram desenvolvidas atividades didáticas em níveis diferenciados, para demonstrar a necessidade de uma ação imediata quanto à situação ambiental e o porquê do comprometimento com o programa.

Esse mesmo programa recebeu também o prêmio destaque "Água e cidade", concedido pela ONG de mesmo nome às empresas que implementam estratégias de redução de consumo e de utilização racional da água.

No dia Internacional do Meio Ambiente, 5 de junho, o Gota D'água promoveu uma caminhada ecológica com os alunos do Ensino Fundamental ao longo de um córrego próximo à Instituição para que fosse fotografada e observada a sua degradação. Nessa atividade, foram envolvidos mais de 220 alunos e seus respectivos professores. O movimento foi aplaudido pela comunidade vizinha, já que eles sofrem com o esgoto que é lançado nesse córrego.

No Dia Internacional da Água, os alunos do Centro Educacional São Camilo (ES) mobilizaram-se pelas ruas de Cachoeiro de Itapemirim, distribuindo folhetos que orientavam a população sobre as maneiras de economizar água e a ne-

cessidade de evitar o desperdício.

Foi realizada, também, a "Gincana SOS Água", que obteve mais de setecentos inscritos. Seu objetivo era que os alunos desenvolvessem ações para a redução de água na própria residência, apresentando as contas de água de um período de seis meses, a fim de comprovar a redução, que chegou a 60% em alguns casos.

As autoridades locais, tomando conhecimento da seriedade do programa, deram início ao processo de concessão do direito real de uso da Ilha do Meirelles ao São Camilo (ES) para o desenvolvimento de uma estação ambiental de pesquisa. ■



Meu peixinho meu amiguinho

Colégio Ciman (DF) estimula o gosto em ir para a escola

Professoras do Colégio Ciman, de Brasília, criaram o Projeto Meu Peixinho Meu Amiguinho, no qual buscavam-se, dentre vários objetivos, estimular o gosto em ir para a escola, desenvolver o senso de responsabilidade, cooperação e afetividade, bem como promover o intercâmbio entre a família e a escola

De acordo com a coordenadora da Educação Infantil, Valéria Martins, os alunos iniciaram o trabalho estudando o Peixe Beta. “Realizamos pesquisa, para saber o que come, seu tamanho, sua origem e os cuidados que precisávamos ter para que ele ficasse sempre saudável”, conta. Após esse estudo, as crianças escolheram um nome para o peixe, o lugar em que o aquário ficaria na sala e como acon-

teceria a visita do peixe em suas casas.

“Como o transporte do aquário seria difícil e prejudicial ao peixe, foi confeccionado um peixe de pano, com a mesma cor do que estava na sala de aula, para que ele pudesse passar um dia na casa de cada criança da turma, acompanhando a família em todas as atividades”, lembra Valéria. Como a turma queria saber tudo o que aconteceu com o peixe, foi pedido a cada criança que narrasse na primeira pessoa, como se fosse o peixinho, contando para a turma as novidades vividas no dia da visita. “Todas as crianças esperavam ansiosas o dia de levar o peixinho para casa”, lembra a professora. ■



Crianças descobrem que o lobo é bom

Professora do Centro Educacional Vivência (PE) muda opinião de alunos com atividades lúdicas

Será que o lobo é mau? Para desmitificar a imagem do lobo como um animal agressivo e assustador na fantasia das crianças, o Centro Educacional Vivência, em Petrolina (PE), trabalhou com crianças do Maternal I da Educação Infantil o Projeto Vida de Lobo. Com ele, a professora Thacyana Cavalcanti conseguiu, em três meses, desenvolver atividades que aguçaram a imaginação das crianças levando-as a compreender a verdadeira personalidade do lobo. Para que isso fosse possível, foram realizadas diversas atividades como confecção de máscaras e fantoches, dramatização de histórias, apresentação de fábulas, trabalhos de pesquisa com os pais, entre outras.

“Nessa perspectiva, como mediador da aprendizagem, o professor deve fazer a ponte entre o real e o imaginário, buscando proporcionar à criança situações em que a mesma desenvolva seu senso-crítico, capacidade criativa, social e emocional”, explica Thacyana. ■



Teatro combate a timidez

Projeto, desenvolvido no Colégio Ideal (PR), envolveu alunos do Ensino Médio

Alunos do 2º ano do Ensino Médio do Colégio Ideal (São José dos Pinhais-PR) perderam o medo de se apresentar em público depois da realização do Projeto de Contação de Histórias. Inicialmente, em sala de aula, os estudantes trabalharam interpretação, estilo, gramática e aspectos literários dos clássicos infantis.

Numa segunda etapa, eles apresentaram várias peças de teatro para os alunos da Educação Infantil. “Além de desenvolverem a criatividade ao bolar o figurino e o cenário, o trabalho foi um desafio na hora de apresentar o teatro para o público”, conta a professora Célia Gonçalves. Segundo ela, em pouco tempo, os alunos apresentaram uma maior desenvoltura. “Antes, era uma dificuldade apresentar trabalhos para toda a turma. Eles ficavam envergonhados e acabavam lendo os textos com a cabeça baixa”, lembra.

Durante o projeto, os alunos apresentaram peças de teatro de fantoche, teatro de sombras, teatro de vara e o teatro propriamente dito. “Foi um trabalho diferente. Fomos ao Museu do Boneco para aprender a manipular fan-

toches”, conta Marco Aurélio Gapski, que apresentou a peça Cinderela. “Agora vamos adaptar a peça apresentada para os dias atuais”, diz animado.

A aluna Bianca Guandelini, que apresentou a peça “As Fadas”, confessa que perdeu um pouco da timidez, após essa atividade. “Sou muito tímida e o teatro proporcionou um desenvolvimento melhor, além de ajudar na parte de comunicação”, revela. ■



Leitura do livro *Dom Casmurro* inspira Júri Simulado

Atividade da Escola Meu Caminho teve uma boa repercussão na cidade de Jequetinhonha (MG)

A leitura do livro *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, feita por alunos da 8ª. série do Centro Educacional Meu Caminho (Jequetinhonha-MG) transformou-se num júri simulado apresentado na escola. O trabalho foi coordenado pela professora de Português Eliane de Souza Aguiar e supervisionado pela pedagoga Marisa Helena Sá.

Como essa atividade teve uma boa repercussão na cidade, o mesmo júri simulado foi apresentado no Hotel Bela Vista para um público composto por diretores de várias escolas, representantes do Ministério público (juizes e promotores), entre outras autoridades.

O próximo livro a ser trabalhado será *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Após a leitura, os alunos vão preparar uma

coreografia baseada na música “homônima”, composta e interpretada por Chico Buarque. A apresentação acontecerá em novembro na Festa da Família, evento que a escola promove anualmente. ■



Jogos Interativos de Matemática

Alunos do Colégio Ateneu (SP) aprendem conteúdos de maneira divertida

Transformar as aulas de matemática em atividades divertidas e interativas não é uma tarefa fácil. Mas, há aqueles que, com criatividade e boa vontade, conseguem. Um exemplo é o projeto Jogos Interativos de Matemática, elaborado pela professora Ana Maria Campos Garcia Machado, do Colégio Ateneu, na cidade de Araraquara (SP). O projeto baseia-se em elaborar a montagem de jogos em sala de aula e por meio deles, adquirir e dominar os conteúdos de matemática como adição, subtração, divisão, multiplicação, potência, raiz, números inteiros e naturais, que darão base para a construção dos conceitos que estarão embutidos nesses joguinhos.

A atividade, que envolve alunos de 5ª a 8ª série, conseguiu promover a união e a participação das crianças na sala de aula. “Foi uma atividade de interação entre os alunos, pois um procurou ensinar o outro, de maneira divertida e prazerosa o conteúdo ensinado”, diz Ana Maria. Segundo ela, os jogos contribuem para fazer das aulas de matemática um ambiente de prazer. “Cada joguinho desenvolve uma habilidade, ao mesmo tempo em que constrói conhecimentos matemáticos”, explica Ana Maria.

Com o objetivo de construir o conhecimento ló-



gico matemático através de brincadeiras, a professora criou vários jogos. O Jogo do Baralho Matemático para alunos de 5ª a 8ª série envolve os conteúdos de adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação e radiciação com Números Naturais. Para ensinar o conteúdo de adição com os números inteiros, aplicados de 6ª a 8ª série, Ana Maria criou o Jogo do Tobogã, elaborado com caixinhas de fósforos e bolinhas de gude. Já para ensinar adição e subtração com os Números Inteiros, aplicados da 6ª a 8ª série, a professora elaborou um jogo com tampinhas de garrafa e um tabuleiro de papel.

O Jogo do Dominó, elaborado com pedacinhos de madeira, envolveu o conteúdo de adição, subtração, multiplicação e divisão de Números Naturais, aplicados em toda a Educação Fundamental. Outra idéia foi a elaboração do jogo do bingo matemático, que envolveu o aprendizado de equações do 1º Grau, aplicados na 6ª, 7ª e 8ª séries. E por último, aconteceu o Jogo da Ginca na Matemática, em que alunos de 5ª a 7ª série aprenderam o conteúdo de Expressões Matemáticas. ■



A família e sua influência na educação



Erica Cristina Ribeiro Guimarães é psicóloga do Centro Educacional Sol Nascente (BA)

O maior problema da Educação atual no Brasil está na falta de definição sobre a quem cabe o papel de repassador das normas e conceitos sociais – se pais,

pedagogos, psicólogos ou todos os responsáveis pela educação. Os profissionais deveriam educar, mas não educam, porque estão confusos com suas próprias necessidades, o que provoca a perda do encantamento, tão necessário para a realização dessa tarefa. Tarefa árdua, que requer uma competência emocional efetiva de todos os membros envolvidos no

processo de ensino-aprendizagem – muitas pessoas que fazem parte dessas relações, na maioria das vezes, não se encontram preparadas para exercer tal papel; daí a necessidade de estarem em constante atualização, buscando novos conhecimentos, assim como devem estar abertas às avaliações

não só por parte dos alunos, como também da família, visando à criação de um laço afetivo, com o qual haverá um maior respeito pela instituição. Portanto, definir a postura autêntica sobre a quem cabe a responsabilidade de educar é um pro-

cesso que requer um cuidado especial, pois os pais não querem abraçar a educação informal, lançando seus filhos sem quase nenhuma estrutura moral, ética e social aos cuidados da escola. Por este motivo, ninguém está contente. Os pais que ficam a sonhar com uma escola que cumpra o seu papel (o da família) e uma escola à espera de que a família faça a sua parte no processo. Enquanto a escola não buscar meios para que a família volte a reconhecer a importância do seu papel na estruturação do indivíduo por meio da educação informal, continuaremos com os altos índices de

defasagem em relação à educação, no que concerne à aprendizagem como um todo, e também nas relações necessárias ao bom convívio social. A escola vem tentando estabelecer, na prática, uma nova forma de relacionamento com a família, que entregue totalmente

aos professores a responsabilidade pela educação de seus filhos, permanecendo em um impasse: a família quer que a escola seja uma espécie de escada, conduzindo o aluno para um nível superior em sua vida. Todavia, a família deve comprometer-

se verdadeiramente com a vida educacional dos seus filhos, podendo exercer interesses genuínos, permanentes, em nível adequado, o que lhes possibilita a criação de condições, horários e ambientes propícios ao estudo. Também pode trabalhar a motivação, falando sempre positivamente

sobre a escola e a educação, no apoio às tarefas escolares, na simples aprovação e expressão de admiração que podem fazer diante das necessidades de seus filhos, no apoio quando se encontram em dificuldades, conversando atentamente com eles a respeito dos problemas cotidianos, no estímulo à sua imaginação, contando-lhes sua história de vida de forma positiva, escrevendo e anotando recados estimuladores em seus cadernos, inteirando-se de seus processos pedagógicos e participando de sua atuação quando necessário, colocando à disposição da escola o que melhor sabe fazer, profissionalmente, servindo de exemplo para seus filhos. Esses são fatos que devem ser revistos para se tornarem realidade, visando finalizar os impasses entre família-educação-escola. Dessa forma, fica bem claro que a família deve criar um ambiente que respeite e a sustente, da mesma maneira a sociedade e mais especificamente a sua forma organizada que é a escola, porque esta não pode subtrair das famílias as tarefas que elas podem desenvolver sozinhas ou associadas, mas deve favorecer positivamente a sua iniciativa responsável. ■

Definir a postura autêntica sobre a quem cabe a responsabilidade de educar é um processo que requer um cuidado especial.

A escola vem tentando estabelecer, na prática, uma nova forma de relacionamento com a família, que entregue totalmente aos professores a responsabilidade pela educação de seus filhos.

Programa Fidelidade

Vale a pena ser fiel

Somar pontos e trocá-los por prêmios escolhidos pelo próprio cliente é a proposta do Programa Fidelidade. Para participar, as escolas conveniadas precisam se cadastrar no [site www.expoente.com.br/fidelidade](http://www.expoente.com.br/fidelidade) e comprar produtos e serviços do Expoente ou de seus parceiros comerciais. O colégio Unificado, em Itajaí, Santa Catarina, já entendeu as vantagens e depois de somar 6 mil pontos (veja tabela, dentro do item parceiros, no *site*) ganhou um computador, que foi entregue em agosto à instituição.



No Programa Fidelidade todo sócio é tratado de forma personalizada. Só ele possui o Troca Ampliada, que torna possível a conversão de pontos por prêmios do *site* Programa Fidelidade e do Shopping Interativo, que oferece cerca de 500 produtos.

Os principais parceiros do Expoente no Programa Fidelidade são a Delsoh's, loja de uniformes escolares, a editora Artmed, de livros educacionais, o grupo Cequipel, de móveis escolares, e a Jott Play, de Brinquedos Educativos.



Shopping Interativo

Preço baixo e praticidade ao seu alcance

Unir bom preço e praticidade nem sempre é fácil. Mas, pelo endereço www.shoppinginterativo.com.br é possível conseguir descontos em produtos de qualidade sem sair de casa. O *site*, um dos mais completos quando o assunto é compra, venda e oferta de serviços pela internet, tem um rodízio de promoções com pelo menos nove opções diárias.

O shopping interativo oferece cerca de 500 produtos entre brinquedos educativos, livros – lançamentos ou paradidáticos – e *softwares*. Na página, ainda é possível saber mais detalhes sobre o Imagine, *software* de autoria distribuído no Brasil com exclusividade pelo Expoente. Com o programa, alunos e professores de todas as faixas etárias podem trabalhar aplicações para *web*, multimídia e entrada e saída de voz.



Novo canal para professores de artes

O Colégio Expoente e as escolas conveniadas têm agora um novo canal de informação para professores de Arte-Educação no Portal Escola Interativa. A intenção do *link* Arte em Estudo é assessorar todas as áreas do ensino de Arte e suas linguagens, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio com espaços em que serão sugeridas atividades, isso sem contar o canal aberto para tirar dúvidas. A idéia surgiu da necessidade de suprir a ausência de *sites* mais didáticos, amplos e dirigidos principalmente ao professor. Ao acessar o portal, o professor vai encontrar referências bibliográficas sobre a pedagogia e a sua relação com a arte; informações por meio de textos de autores sobre o Ensino da Arte no Brasil e no exterior; avisos sobre congressos e seminários do setor; orientação na busca de novos *sites* sobre Arte-Educação e orientação sobre os novos PCNs. O Canal foi desenvolvido por Miriam Cornélia Bonk com a supervisão de Danielle Lourenço, do Setor de Tecnologias Educacionais.

Para mais informações envie um *e-mail* para portal@escolainterativa.com.br.



Que livro estou lendo



Estratégias de Leitura

Autora: Isabel Solé

Editora: Artmed

Comentários de: Patrícia Waltiach
(professora da 1ª série do Ensino Fundamental do Colégio Expoente – Água Verde)



Para os educadores do Ensino Fundamental e da Educação Infantil que desejam promover em seus alunos o desenvolvimento da competência leitora, este livro



é um ótimo recurso. A autora discute a leitura enquanto processo de interação entre leitor e texto, evidenciando que é o objetivo do leitor em torno de um texto escrito que orienta a sua interpretação. Portanto, é preciso que os educadores se preocupem também em estar chamando a atenção de seus alunos, iniciantes nessa tarefa, para a identificação de seus

objetivos frente a um texto. Afinal, ler é muito mais do que a simples decodificação.

A Vida Como Ela É

Autor: Nelson Rodrigues

Editora: Companhia Das Letras

Comentários de: Vanderlei de Siqueira
(Especialista em Literatura Brasileira
Professor do Ensino Médio e Superior)



Desaprovado pelos intelectuais de sua época, Nelson Rodrigues é, hoje, considerado o grande gênio da dramaturgia brasileira. Neste livro, ele dá um verdadeiro “tapa na cara” do leitor. Inspirando-se em Dostoiévski, o autor desenvolve histórias de traição, amor e paixão. Os personagens oscilam entre o desejo dos valores nobres da pureza e da dignidade de um lado, e a atração doentia pelo universo do sexo, dos instintos e do vício, do outro; analisando desvios sexuais e de personalidade com um estilo inconfundível. O homem é por natureza um ser trágico e nessas histórias percebemos a contraditoriedade da alma humana numa visão filosófica, mítica e até mística.



O Brasil quer conhecer sua escola!



A sua escola também pode ser notícia na *Impressão Pedagógica*! Em toda edição há um espaço para que as escolas conveniadas Expoente possam divulgar seus projetos e atividades. A revista é quadrimestral e tem como público docentes e profissionais da área educacional.

As instituições interessadas em participar da seção, podem encaminhar textos e fotos para o *e-mail* agsantos@expoente.com.br. Se preferirem, poderão encaminhar o material, por Sedex, para o endereço:

Organização Educacional Expoente
A/C Andrea Gonçalves Santos
Departamento de Marketing
Av. Sete de Setembro, 4476
4º andar – CEP 80250-210
Curitiba – PR

Mais informações podem ser obtidas pelos telefones (41) 304-4011 ou (41) 304-4000.

Não perca a chance de mostrar ao País as iniciativas de sua escola!

Anúncio



DIVULGUE A SUA EMPRESA na comunidade educacional brasileira

A *Impressão Pedagógica* informa e atualiza seus milhares de leitores por todo o Brasil. Distribuída nos principais centros educacionais, hoje proporciona a todos os educadores um referencial na atualização da prática pedagógica, das atividades docentes e curriculares e das inovações tecnológicas.

| Tiragem: | Público: | Periodicidade: |
|-------------------|-----------------|-----------------------|
| 16.000 exemplares | 52.000 pessoas | Quadrimestral |

Não deixe de aproveitar essa oportunidade!

Reserva de espaço pelo telefone (41) 304-4011 ou pelo fax (41) 304-4005 ou ainda pelo *e-mail* agsantos@expoente.com.br.

Expediente

CONSELHO EDITORIAL

Direção Geral: Armino Wilson Angerer
Direção CEEE: Sandra Angerer
Direção de Ensino: Ana Tereza Bergmann Paes
Gerente da Expoente Soluções Pedagógicas e Tecnológicas: Nelson Ribeiro da Silva

MARKETING

Gerente de Marketing: Luciana Grande Correia Nunes
Edição e Redação:
Andrea Gonçalves Santos (Mtb 9355/19/195)
Brisa Teixeira (Mtb 3657/19/47)

IMPRESSÃO EXPOENTE

Direção de Gráfica: Antônio Both
Gerente Pré-Impressão: Paulo César Niehuus
Arte: Augusto de Paiva Vidal Neto
Finalização: Wilson Emílio Cecchi
Ilustrações: Eliane Cássia Ramos

FOTOLITOS E IMPRESSÃO

Editora Gráfica Expoente Ltda.
Avenida Maringá, 350 – Pinhais – Paraná – CEP 83324-000
Fone: (41) 668-2244 – Fax: (41) 668-2433

CENTRO DE EXCELÊNCIA EM EDUCAÇÃO EXPOENTE – CEEE

Rua Madre Maria dos Anjos, 1141 – Curitiba – PR
CEP 80250-090 – Fone/Fax: (41) 334-5556
<http://www.expoente.com.br>

e-mail: expoente@expoente.com.br

TIRAGEM

16.000 exemplares. *Impressão Pedagógica* é uma publicação quadrimestral, de circulação nacional, dirigida a diretores de escolas, coordenadores e professores, sendo distribuída por *mailing* personalizado. Não nos responsabilizamos por opiniões expressas nos artigos assinados. Todos os direitos reservados.